

Prefácio

Nossas palavras vão ecoar pelo Rio Grande

Você, amigo leitor, está prestes a embarcar numa viagem. Sem sair de casa ou da biblioteca de sua escola, centro comunitário ou universidade, você vai viajar comigo para o universo das palavras. Os guias turísticos que vão orientar o seu caminho somos nós, os escritores. Vai conhecer um pouco mais sobre o Rio Grande do Sul, enegrecido por estrofes fortes, relatos de vidas, de sentimentos e de conjuntura histórica e social. Nós, homens e mulheres, negros e negras, aqui estamos para conduzi-lo e apresentarlhe a literatura negra gaúcha.

Embarcamos em Porto Alegre. Vamos conhecer novos pensamentos, ideias e formas de nomes que estão nas mais variadas regiões. Nossa primeira parada é a Serra Gaúcha. Tradicionalmente lembrada por ser uma região de predominante colonização italiana, aqui se mostra por sua identidade negra. Caxias do Sul, reconhecida por sua pujante economia, nos brinda com autores e autoras que falam sobre o olhar e a vivência negra serrana. De Caxias do Sul seguimos para Pelotas. Das charqueadas aos doces, negras e fortes palavras. Pelotas tem uma forte marca negra em sua construção, e de lá apresentamos e lançamos novos autores. Do Sul, vamos para o Centro Gaúcho. A universitária e também cultural Santa Maria participa desta edição de nosso projeto. Região também reconhecida pela forte e multiétnica colonização, desponta com novos autores,

que também trazem aqui o seu recado. Para finalizar as andanças, chegamos a Uruguaiana. Um dos destinos mais longínquos de nosso Rio Grande guarda a preciosidade de uma visão de negritude que se mistura com a presença indígena e fronteiriça. A gente pensa que o “gaúcho da fronteira é mais gaúcho”. Aqui, os negros e negras de lá de Uruguaiana nos apresentam um pampa inédito dentro deste projeto. Uma fronteira que também tem quilombos, uma fronteira que tem estâncias e que foi pioneira na alforria de seus escravos. Você sabia dessa informação? Pois foi percorrendo Uruguaiana que conheci esse importante fato de nossa história. Só teria essa oportunidade ao andar por nosso rico histórico Rio Grande do Sul.

Não posso deixar de falar de Porto Alegre. Porto Alegre é a capital política, geográfica e cultural deste estado. Nesta edição, os autores, negros e também não negros, da capital acolhem os autores do interior gaúcho. Porque pensar em literatura negra gaúcha é estar com os pés em Porto Alegre e com os olhos e o coração pulsando para o Rio Grande do Sul. É um livro cheio de orgulho, cheio de ufanismo, cheio de patriotismo. Porque tenho muito orgulho em ser um negro gaúcho. Mais orgulho tenho em apresentar esses 28 novos autores. Nesta edição, temos um número maior de participantes e mais nomes para você conhecer e divulgar.

São novos autores que são batizados e apresentados neste projeto. Novos escritores que passam a dividir, comigo, o desejo de multiplicar, de construir um forte bloco, escrever e garantir o empoderamento por contar a nossa própria história. São os negros e negras do Rio Grande do Sul que pedem passagem.

Projeto que chega a sua segunda coletânea, este trabalho foi premiado em sua primeira edição, em 2013. Como realizador, integrante da ONG Grupo Multiétnico de Empreendedores Sociais do Rio Grande do Sul, trouxemos para a nossa entidade o Prêmio Diversidade RS, na categoria Ineditismo Cultural. Fomos inéditos

em reunir, em uma publicação, 23 novos autores. Reunimos, ontem e hoje, a mais perfeita e bela pluralidade, a mais feliz e mais autêntica diversidade, a mais real e profunda identidade.

Se há felicidade, há gratidão. E sou grato em ter sido chamado pela vida, incomodado pela ancestralidade para mover homens e mulheres a escrever. Temos um compromisso: registrar nossos saberes a fim de valer como instrumento para aplicar a Lei Federal n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, em nossas escolas. Somos instigados a ver, em cada livraria e em cada espaço de leitura, um exemplar deste trabalho. Somos todos chamados a contar para o resto do Rio Grande que os negros também são gaúchos. Superamos a dor, a escravidão, a chibata. Trazemos a beleza e a força para este povo. Somos muitos e somos vivos e presentes entre os milhões que costeiam o mar, o Rio Pelotas e o Rio Uruguai. As fronteiras limitam um território. Jamais limitam o espírito desbravador e o espírito construtor e realizador do gaúcho. Um povo que não conhece a palavra medo. Somos negros em um novo momento social. Hoje, temos e usamos o nosso “axé de fala”. Nosso poder está em nós. O orgulho volta de forma muito presente neste projeto. Orgulho e gratidão por ser editor de um livro que já está na história do Rio Grande do Sul. Junto com todos vocês, queridos autores e autoras, estamos na história literária de nosso estado.

Nossas palavras vão ecoar pelo Rio Grande. Vão ensinar e encantar nossas futuras gerações. Estrofes, linhas, parágrafos, títulos. Nossas *negras palavras gaúchas*.

Oscar Henrique Marques Cardoso

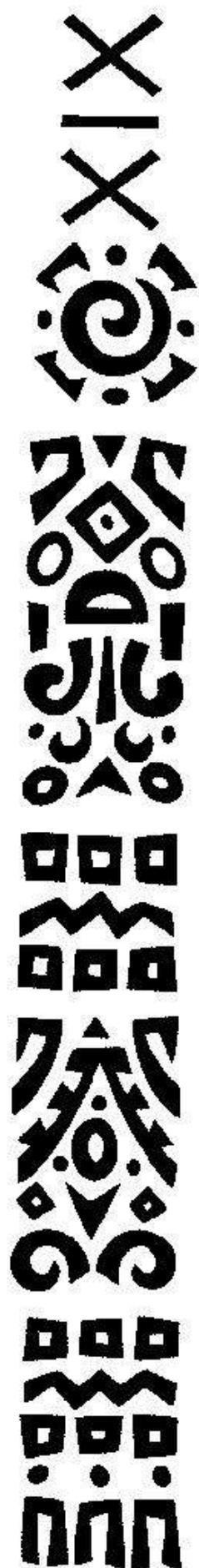
Editor e organizador

*“Na alma e na força,
conto um pouco da minha história.
Na forte retórica das sílabas,
minha vida, a negra vida gaúcha.
Orgulho e força que enchem o estribilho
de tudo em uma só forma: palavra.”*

(Oscar Henrique Marques Cardoso)

MÁRCIA GOULART

Márcia Gleise Barragan Goulart, mulher gaúcha da fronteira oeste do Rio Grande do Sul, é assistente social, educadora social, pesquisadora e contadora de histórias. Fruto da miscigenação de quatro etnias, carrega esses traços visíveis, seja nas feições, na personalidade ou nas ressignificações de cada uma delas: indígena por parte da avó materna, parda pela parte da avó paterna, francesa pela parte do avô paterno e espanhola por parte do avô materno. Com toda essa multiplicidade de sentimentos, esta funcionária pública, atualmente trabalhando em uma biblioteca, se volta para as questões sociais e atua como voluntária nas horas vagas ou apoiadora em associações de bairro e associações de catadores no papel de educadora social. Também é integrante do Movimento Social Negro de Uruguaiana e contadora de histórias, onde trabalha essas questões nos próprios contos. As pesquisas aqui citadas são parte de um trabalho escrito para o III Copene Sul. Estes dois trabalhos são o embrião do projeto para criação de um livro.



Quilombo Rincão dos Fernandes: espaço de resistência e conhecimento na fronteira oeste do Rio Grande do Sul

Resumo: O presente trabalho parte de um relato de experiência vivenciada a partir de um conjunto de atividades realizadas após uma palestra assistida na Biblioteca Pública de Uruguaiana/RS. Esta vivência desencadeou um processo de busca em obras e conhecimentos sobre os quilombos dessa região. Nossa cidade conta com os estudos realizados pelo historiador Dagoberto Alvim Clos, mais especificamente em sua obra *Áreas remanescentes de quilombos no município de Uruguaiana*. Tomei conhecimento da existência de três quilombos nesta região, quais sejam: Quilombo Rincão dos Fernandes, local em que realizarei uma proposta de intervenção e pesquisa pelo Programa de Pós-Graduação em História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena da Unipampa, campus Uruguaiana; Quilombo Rincão da Palma e Quilombo Rincão Capela do Ipané. Essas três localidades possuem descendentes diretos de escravizados vivendo em comunidade. Movida pela curiosidade que a palestra despertou, fui visitar o Quilombo Rincão dos Fernandes, ao qual segui retornando várias vezes, observando a forma de vida dessa comunidade quilombola, suas dificuldades, lutas e resistência frente às demandas que surgem na busca de seus direitos. Somadas a estas questões, surge a necessidade de os quilombolas ressignificarem-se, refletindo sobre sua história e ancestralidade para valorizá-la e reproduzi-la em outros espaços. Dos três quilombos citados, apenas um é reconhecido como tal; os demais estão em processo de registro nacional para que seus direitos sejam garantidos e preservados.

Palavras-chave: Quilombo. Resistência. História. Direitos das comunidades remanescentes.

Introdução

Desde o início de nossa compreensão sobre a história e seus desdobramentos, entendemos que a ancestralidade quilombola significa

um legado que construiu a história destas comunidades, pois ajudaram a construir o Brasil, mais especificamente no estado do Rio Grande do Sul, cidade de Uruguaiana. Entre nossos ancestrais, encontram-se os remanescentes do Quilombo Rincão dos Fernandes.

Sendo assim, inquieta na minha função como contadora de histórias, fui instigada pelo fato de receber alunos de escolas e instituições para a Semana da Consciência Negra na biblioteca onde trabalho e verificar que essas crianças, adultos e os próprios professores não tinham conhecimento de que havia quilombos em Uruguaiana.

Essas inquietações transformaram-se em atitude, quando elaborei o pré-projeto para concorrer à **seleção da pós-graduação** nessa área, em 2017, como aluna da segunda turma do curso de especialização em História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena da Unipampa, campus Uruguaiana, tendo como coordenadora a Prof.^a Dr.^a **Marta Iris Camargo Messias da Silveira**. Após a seleção e orientação, passamos a desenvolver um conjunto de atividades junto ao quilombo, objetivando conhecer a localidade, através de uma metodologia orientada para levá-los a conhecer sua própria história, valorizando-a e ressignificando-a (história oral, grupos focais, roda de conversas). Como fundamentação, foi efetivada uma revisão bibliográfica para complementação do resgate histórico da constituição do quilombo.

Embora tenhamos dados do IBGE comprovando que 54% da população brasileira é de origem negra, pretos e pardos, muitos não se reconhecem como tal, porque ao longo da história tiveram plantadas as ideias de que a cultura branca é superior e que os quilombolas, por pressuposto, **são invasores de terras e preguiçosos. Esse desconhecimento** da população de que existem regiões quilombolas em Uruguaiana, bem como dos próprios remanescentes, nos levou a pensar uma proposta para que esses espaços fossem conhecidos e reconhecidos na sociedade.

Assim, foram propostas visitas de alunos de escolas e instituições, possibilitando o diálogo entre visitantes e visitados a fim de resgatar a história dessa comunidade, compreendendo como surge esse espaço de resistência, como se deu o reconhecimento como quilombo. Reflete-se sobre o processo de organização em busca de políticas públicas, os conflitos e relações de cooperação com as diferentes instituições, enfatizando a relação dialética, a emancipação e o empoderamento.

A Associação Quilombola Rincão dos Fernandes e a luta pelos seus direitos

Segundo o historiador Dagoberto Alvim Clos, a comunidade foi reconhecida pela Fundação Palmares em 2010. Em agosto de 2011, formou-se a Associação Quilombola Rincão dos Fernandes, resgatando esse importante espaço de resistência histórica negra.

A matriarca da comunidade quilombola, dona Maria de Castro Moraes, criou-se trabalhando na estância de Antonio Martins de Oliveira, de quem herdaram as terras, porém era uma doação verbal; quando ele faleceu, seu filho Lindolfo Martins de Oliveira ficou administrando as grandes extensões de terra e gado do pai. Lindolfo era um médico muito querido, conforme conta dona Maria; ele não cobrava as consultas e era um bom homem. Relata ainda que ele não tinha sorte nos negócios, e isso fez com que se enchesse de dívidas. Então, vendeu parte das terras do atual Quilombo Rincão dos Fernandes, mas, por um pedido seu, essas famílias ali permaneceram.

Mesmo tendo pequena parte das terras dos antigos patrões, a vida nunca foi fácil para os quilombolas. Além de muito trabalho árduo dedicado aos patrões dos arredores, parte dessas terras “vendidas” pelo estancieiro foram habitadas por posseiros que algumas vezes fizeram dona Maria sentir na carne novamente o peso das

injustiças. Um exemplo a ser citado: posseiros que haviam pego a parte da frente, que dá acesso à estrada federal, resolviam fechar a porteira, cortar a água de um poço artesiano, que foi construído para abastecer também o quilombo, que ficava lá longe, mais abaixo, ou ainda desligavam a chave que levava luz para todos. Mas essa mulher forte, na altivez dos seus quase 84 anos, naquela época, não saiu. Desistir da luta? “Jamais saio daqui. Isto foi conquistado com muito suor e trabalho, e é o que tenho para deixar para meus filhos e netos.” E assim conseguiu assegurar a herança de seus descendentes.

Na comunidade, a maioria dos jovens quilombolas continuam trabalhando em granjas ou estâncias dos arredores, e outros se deslocam para trabalhar na cidade devido à falta de oportunidades dentro da própria comunidade.

A busca por políticas públicas e a chegada de programas à comunidade quilombola

O Programa Brasil Alfabetizado¹ foi de grande relevância na comunidade, estimulando o busca pela alfabetização dos que ainda não sabiam ler nem escrever e instigando aqueles que haviam abandonado a escola. Conseguimos que uma quilombola, que tinha esquecido muitas coisas referentes aos estudos do ensino fundamental, relembresse, voltasse à escola e concluísse o ensino fundamental. Posteriormente, ela ainda fez sua a carteira de habilitação. Precisamos que o programa tenha continuidade na comunidade – programa esse do qual fui a primeira alfabetizadora no Quilombo Rincão dos Fernandes.

¹ O Ministério da Educação (MEC) realiza, desde 2003, o Programa Brasil Alfabetizado (PBA), voltado para a alfabetização de jovens, adultos e idosos. O programa é uma porta de acesso à cidadania e o despertar do interesse pela elevação da escolaridade. O Brasil Alfabetizado é desenvolvido em todo o território nacional, com o atendimento prioritário a municípios que apresentam alta taxa de analfabetismo, sendo que 90% destes localizam-se na região Nordeste. Esses municípios recebem apoio técnico na implementação das ações do programa, visando a garantir a continuidade dos estudos aos alfabetizados (BRASIL, 2017).

A construção de casas e da sede da Associação Quilombola: frutos da resiliência de uma comunidade incansável na busca de seus direitos

Em reuniões com a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), definiram-se quais quilombolas ganhariam construção de casas no quilombo num primeiro momento. Depois de todos os protocolos e muita espera, eles fizeram assinatura do contrato com a Caixa Federal, vinculados ao Programa Minha Casa, Minha Vida². Alguns ainda esperam ansiosamente por outra remessa de distribuição de verbas para realizarem o sonho da casa própria. Também foi captado recurso federal para construção do poço artesiano.

Conclusão

As questões que pontuamos no início do trabalho estão longe de serem resolvidas, embora algumas escolas já tenham conhecido e percebido a importância de levarem seus alunos para reconhecimento *in loco* desse espaço de resistência histórica negra, aprofundando os estudos e diminuindo o estranhamento.

Referente ao reconhecimento dos próprios quilombolas quanto à sua ancestralidade, sabemos que muito daquele conhecimento se perdeu ao longo do tempo. A negritude precisa, portanto, ser reinterpretada, considerando o atual contexto em que vivem.

Encerramos este relato de experiência na comunidade quilombola Rincão do Fernandes com o sentimento de que muitos avanços serão necessários para que essa localidade atinja o patamar de independência e direitos garantidos. Entendemos também como relevante que a Unipampa, como instituição federal, tenha efetiva

2 O Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV) foi lançado em março de 2009 pelo governo federal. O PMCMV subsidia a aquisição da casa ou apartamento próprio para famílias com renda até 1,6 mil reais e facilita as condições de acesso ao imóvel para famílias com renda de até 5 mil reais.

participação, a partir de projetos de pesquisa, ensino e extensão, no crescimento das possibilidades dessa comunidade, bem como auxiliie na emancipação e no empoderamento de seus moradores. Na situação de pesquisadora, estaremos nos apropriando de referências que subsidiem nossa intenção de pesquisa e intervenções no sentido de aprendermos com estes sujeitos e entendermos melhor seu contexto histórico, suas necessidades e principalmente suas potencialidades.

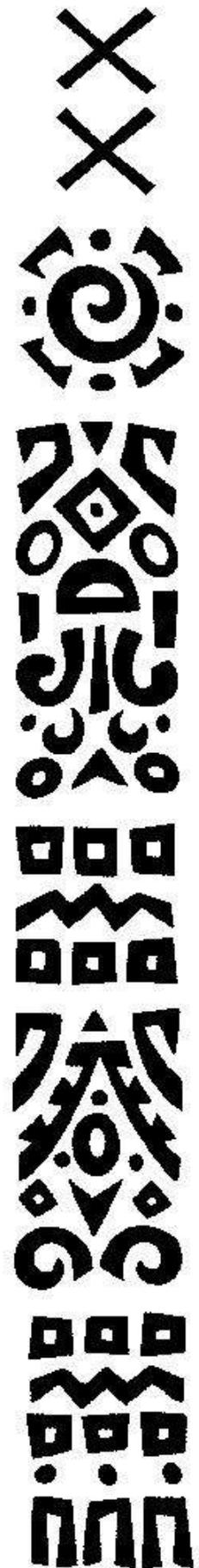
Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Programa Brasil Alfabetizado. **Portal MEC**, 2017. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/programa-brasil-alfabetizado>>. Acesso em: 29 jul. 2017.

CLOS, Dagoberto Alvim. **Áreas remanescentes de quilombos no município de Uruguaiana**. Palestra proferida na Biblioteca Pública Municipal de Uruguaiana em novembro de 2010.

NÚRIA JESUS

Núria Jesus nasceu em Uruguaiana em 1960. Formada em Pedagogia: Supervisão Escolar, trabalhou na Escola de Ensino Médio CIEP. Atualmente está aposentada. Também canta e faz trabalho voluntário como coralista. A poesia surgiu da inspiração de como a noite e a madrugada têm seus encantamentos ao mesmo tempo que a solidão e os pensamentos para aquelas pessoas que trabalham na rua, como é o caso da poesia “O guarda da rua”, uma pessoa simples e honesta.



O guarda da rua

La vem o guarda! Ninguém te conhece. Não está só. Deus te guarda. Distante da calçada vai para a rua, porque a rua é tua. Olhos te alcançam, da sacada ou da janela.

Depois, recolhem-se do sereno. No calar da noite. No estalar das luzes. Todos dormem. Todos dormem? Um galo canta. Com medo, assobias bem baixinho uma melodia inventada, fria, com fumaça, que sobe e se esguia. O teu apito, de sopro comprido, te alerta. Qual a lua de hoje na rua? Aquela que se esconde ou aquela que aparece? Contempla. Conquista. Deu-se nesse instante um uivo de cachorro.

Ganhas a lua toda vez que chegas ao final da esquina, parecendo um encontro. Triste desencontro, quando vira as costas (dá meia-volta). Em que pensas? Em passos lentos. Bate que bate, num compasso, o cassetete. Botas fé no teu pé de meia.

Capaz se sente. Uniforme. Sujeito à lei. Abalado, fere um sonho, em preto e branco. Como seria servir o dia sem espreita?

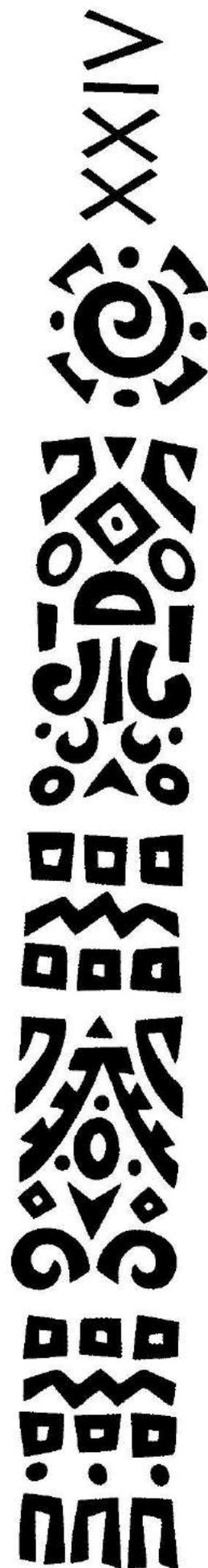
Pimental! Costelas que aprovas! Basta! Te comporta, cara!

Põe pra correr, de uma só leva, todos os teus fantasmas. Con-torna. Sai correndo. Sem algemas.

Tira da mente a confusão. Já passa da hora. Sem ter pressa, passa a praça, sente o vento. Suspira: já é dia!

VANDA MARIA CASTRO MORAES (DONA VANDA)

Vanda Maria Castro Moraes (Dona Vanda) é natural de Uruguaiana/RS. Nasceu em 19 de julho de 1955 no interior do município de Uruguaiana, no 2º Distrito de Vertentes, em uma localidade denominada Olhos d'Água, na época em que os partos eram realizados por parteiras. Cresceu na zona rural e teve a oportunidade de cursar até a 4ª série do Ensino Fundamental. Complementava a renda familiar trabalhando e auxiliando em tarefas domésticas nas sedes de estâncias com sua mãe, Maria Castro. Atualmente, é líder da Comunidade Quilombola Rincão dos Fernandes e é uma das grandes protagonistas na luta pela igualdade social e de gênero no seu município. Também realiza trabalhos artísticos relacionados ao artesanato e à poesia, mantendo viva a cultura de cultivo de alimentos orgânicos, que também geram renda e melhoria de vida para a comunidade.



O grito negro na voz quilombola

Sou fruto longínquo da raiz Luiza
sou afro-brasil, sou miscigenado
Sou herdeira negra de uma terra fértil
sou o grito do negro que sofreu calado
Me sentindo a base renunciei o medo
para exaltar com garra um povo humilhado

Zumbi dos Palmares
espia a luta de todos os negros e abre a cancela
Que não permaneça fronteiras de cores
como não permanece a penumbra entre as velas
Queremos um sol muito mais radiante
brilhando no peito na alma e na mente

Não só somos negros
nós somos mil lanças
nós somos mil vozes
nós somos valentes

Os negros são mares
São rios
São terras no Brasil
A riqueza vem do seu cansaço

O negro é Brasil
sua alma
seu traços
seu punho
símbolo que afirma seus passos
Sou negro

e na história também sou cultura
sou conhecimento e paz interior

Sou porão de navio que atravessou os mares
meu grito emana da terra e dos ares

Que saudados sejam todos os negros
por mentes sadias de todos os povos

Transbordemos cálices de suas conquistas
marcando a vitória dos velhos e novos

O fogo e o ferro
lembrança sofrida
na alma ferida do negro primeiro

Que dormiu para sempre
embalado no sonho de fazer justiça o seu travesseiro

Saudamos teus sonhos
gritamos teu nome
a caneta risca e o chicote some

Pois na mão do negro
abala a arrogância e elimina a distância
esmagando o temor

Na consciência negra
sejamos saudados
passado, presente, futuro também

Que o soluço do negro
rezado na noite
transforme o açoite em um tempo de amor.

VINICIUS GONÇALVES MARIANO

Vinicius Gonçalves Mariano cursa Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Campus Uruguaiana. É técnico em Segurança do Trabalho pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac). Vinicius já atuou como monitor no Programa Mais Educação na Escola Estadual Dr. Roberval Beheregaray Azevedo, onde foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) no subprojeto em Educação Física. Atualmente é pesquisador do Núcleo de Pesquisa em Gênero, Educação e Diferença (Tuna) e membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi). É também bolsista no Programa de Monitoria Específica para Acompanhamento a Estudante Indígena e Quilombola. Vinicius Mariano, como ele mesmo define, é apaixonado pela dança e pela cultura corporal de movimento.



Da desconstrução ao empoderamento em relação à dança de matriz africana

O ensino da história e cultura africana e afro-brasileira tem sido o tema de discussões acerca de sua problematização no âmbito da educação, com a obrigatoriedade da implementação da Lei Federal n.º 10.639/03. Esta lei busca a valorização do patrimônio histórico-cultural negro e o combate às desigualdades raciais herdadas de um sistema escravista, que deixou marcas nas relações sociais e no imaginário sociocultural de nosso povo.

A universidade tem papel determinante como espaço de formação do futuro professor e questionamento do preconceito e da discriminação racial sofridos pela população negra. Assim, a proposta deste trabalho consiste em apresentar uma síntese do conhecimento que estou adquirindo através da prática da dança de origem africana, na disciplina de Dança do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Campus Uruguaiana.

As aulas, no que tange à cosmovisão africana, têm como objetivo deslegitimar a associação entre traços fenotípicos e pertença cultural, pois normalmente se atribui aos negros valores pejorativos em relação às suas manifestações artísticas e culturais no âmbito da música, danças, cultos de matriz africana, ou lutas, colocando-as como sinônimos de inferioridade. A partir das discussões que acontecem durante as atividades, pude resgatar minha ancestralidade através da história dos meus antepassados. Além disso, me possibilitaram um empoderamento enquanto negro em todos os espaços sociais, desde a família à academia, me fazendo ver o verdadeiro sentido de ser um futuro professor de Educação Física, sem preconceitos e pluralista.

Discutir a história da África não constitui um exercício fácil, pois traz o risco de difundir a concepção de um passado desarticulado do

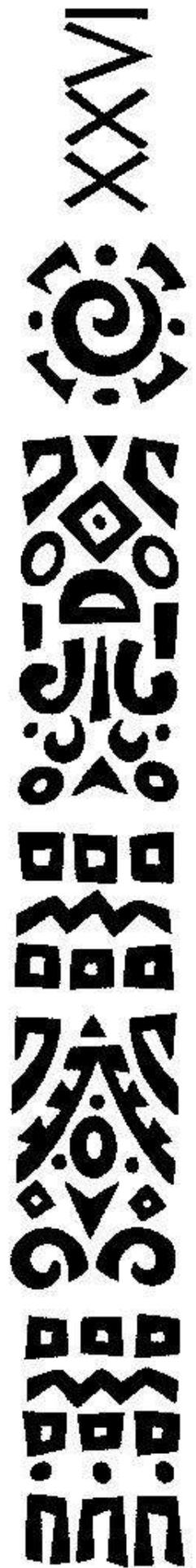
presente; um passado acabado, cristalizado, sem conflitos, longe de possibilidades, de problematizações. Evitar esse caminho é o primeiro cuidado que o professor deve tomar. Piadinhas, jargões e represálias que são lançados sobre a cultura afro-brasileira apenas variam em graus de violência, sendo reflexo de uma tradição pautada sobre um discurso depreciativo e repressivo que impôs estigmas de marginalidade e inferioridade às práticas transmigradas com as etnias da África (GOMES; NETO, 2010). Na verdade, quando os alunos/sociedade agem dessa forma, estão se negando a identificar-se com o tipo de negro que costuma ser representado nas aulas: o ser escravo; o ser submisso; o ser inferiorizado, etc. (GOMES, 2011).

Antes de ingressar no curso, jamais poderia imaginar a dança de origem africana como parte integrante de um componente que para mim é um dos mais fascinantes do curso. Muito o estereotipei e subestimei, justamente por antes não ter conhecido e vivenciado. Muitos dos meus colegas de turma, no primeiro momento, reagiram de maneira resistente à modalidade; alguns já não aceitavam o fato de ser uma dança que exige a máxima representação do corpo, pois, para muitos deles, alguns movimentos poderiam comprometer sua “reputação”. Eu percebi que fiquei despudorado e sem vergonha nenhuma ao realizar tais movimentos. Através da dança afro, me senti mais livre e feliz.

Ao final do componente, para obter aprovação, os alunos devem montar uma mostra de dança, para a qual cada grupo monta uma coreografia de algum ou alguns ritmos trabalhados durante o semestre. Quando estávamos em processo de criação dos grupos, decidimos apresentar dança afro, surgindo aí o Grupo de Dança Afro da Unipampa Uruguaiana.

WILMAR BUENO

Sou **Wilmar Bueno**, mas assino como Will Bueno, um escritor nascido e criado em Uruguaiana. Escrevo poesias e contos baseados em uma visão poética e filosófica sobre diversos temas: natureza, amor, crianças e questões de nosso cotidiano. Fui colunista no jornal quinzenal *Sambapontocom*, onde assinava uma coluna de poesias autorais chamada “Pensamento da Madrugada”. Fiz diversas exposições de minhas poesias em edições da Feira do Livro de Uruguaiana e também em outras cidades do Brasil. Nesta última edição da Feira do Livro de Uruguaiana, tive a oportunidade de expor minhas poesias em papel reciclado. Pintei com elementos extraídos de plantas como pitangueira, laranjeira, jambolão, entre outras. Gostaria muito de poder publicá-las em um livro, pois penso que as futuras gerações precisam do alimento chamado *leitura*.



Negra na saia longa ou no vestido

Uma negra de saia longa ou de vestido
Tem lá os seus valores, sim!
O vestido nela faz desenhos em seu corpo
A saia longa nela tem um belo esvoaçar

O vestido nela tem doces encantos
Seja lá vestido ao seu corpo, ou mesmo jogado ao sofá
A saia longa nela ganha inigualável leveza
A leveza dos ares dos campos, ou mesmo sentada à mesa

O vestido nela pode dar elegância
Pode até mesmo instigar
Já a saia longa nela... aahhh, a saia longa!

Ela é como essência de perfume
Forma com seus borrifos reticências poéticas
Como a cada passo dado pela negra que a veste.

Mar no meu pampa

Quem dera se em meu galpão
Eu tivesse uma concha do mar
Aquerenciava-a na janela
Fazendo dali o seu lar

A brisa do açude adentraria a janela
Soprando os cabelos da mulata mais bela
Ahhh, que vontade de estar com ela

Da porta do galpão, contemplo meu pago
Tapeio meu chapéu
Sorvendo o mate amargo

O capim do pampa que era verde
Castigado pelo sol, ficou amarelado
Saudade do capim verde
A mesma saudade tenho da mulata...
Deleitando-se no pampa esverdeado

Abraço então uma viola negra
Na tentativa de encontrar o tom para meu afago
A viola negra...
A viola negra é minha mulata morando no meu galpão.

Que você leve, em seu coração e na sua lembrança,
as palavras, as linhas e as estrofes das nossas negras
verdades: *Nossas negras palavras gaúchas*. Registros para
hoje e para sempre. Relíquias de uma memória viva.

Obrigado pela leitura.

Oscar Henrique Marques Cardoso